

**INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO**

NATHÁLIA LUCIANA DE SOUZA RIBEIRO

**CORA CORALINA ALÉM DOS VERSOS: EXPLORANDO A CONEXÃO ENTRE
GASTRONOMIA E LITERATURA NO LIVRO POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E
ESTÓRIAS MAIS.**

OURO PRETO

2024

NATHÁLIA LUCIANA DE SOUZA RIBEIRO

**CORA CORALINA ALÉM DOS VERSOS: EXPLORANDO A CONEXÃO ENTRE
GASTRONOMIA E LITERATURA NO LIVRO POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E
ESTÓRIAS MAIS.**

Monografia apresentada à Diretoria de Ensino (DE) do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gastronomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiana Santos Andreoli

OURO PRETO

2024

A489c Ribeiro, Nathália Luciana de Souza.

Cora Coralina além dos versos [manuscrito] : explorando a conexão entre gastronomia e literatura no livro Poemas dos becos de Goiás e estórias mais / Nathália Luciana de Souza Ribeiro. – 2024. 55 f. : il.

Orientador: Cristiana Santos Andreoli.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Gastronomia. 2. Literatura. 3. Cora Coralina. I. Andreoli, Cristiana Santos. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 641:821

Catálogo: Andresa Aredes Ferreira CRB-6/MG-003262/0

NATHÁLIA LUCIANA DE SOUZA RIBEIRO

**CORA CORALINA ALÉM DOS VERSOS: EXPLORANDO A CONEXÃO ENTRE
GASTRONOMIA E LITERATURA NO LIVRO POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E
ESTÓRIAS MAIS.**

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Ensino do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gastronomia.

Aprovado em 14 de agosto de 2024 por:

Documento assinado digitalmente
gov.br CRISTIANA SANTOS ANDREOLI
Data: 18/08/2024 11:50:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Cristiana Santos Andreoli (Orientadora)

IFMG – Campus Ouro Preto

Documento assinado digitalmente
gov.br ADELINE CONCEICAO RODRIGUES
Data: 21/08/2024 09:51:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr.^a Adeline Conceição Rodrigues

IFMG – Campus Ouro Preto

Documento assinado digitalmente
gov.br CRISTIANE RAQUEL DO SACRAMENTO SOBRAL
Data: 21/08/2024 13:59:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Profa. Msc. Cristiane Sobral Sacramento

SENAC- MG

OURO PRETO

2024

Dedico este trabalho aos meus pais, José e Maria e a minha irmã, Bruna, pelo integral incentivo, apoio, compreensão, paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por diariamente me conceder fortaleza, proteção, direcionamento, graças e bençãos.

Agradeço aos meus pais e minha irmã por serem alicerce durante essa caminhada.

Agradeço as minhas avós Conceição e Esmênia (*in memoriam*) por despertarem em mim desde pequenina o ofício de cozinheira.

Agradeço aos meus queridos amigos presentes fisicamente e virtualmente, aos meus amigos/colegas de profissão do curso de Tecnologia em Gastronomia 2020.1 pela companhia e incentivo durante a realização desta nova graduação.

Agradeço à minha orientadora Cristiana Santos Andreoli pela confiança depositada, compreensão e contribuições valiosas para além da vida acadêmica.

“O que vale na vida não é o ponto de partida e
sim a caminhada. Caminhando e semeando, no
fim terás o que colher.”

Cora Coralina

RESUMO

Cora Coralina (1889-1985), cozinheira-doceira-poetisa, foi uma mulher bem à frente do seu tempo. A escritora destacou-se no gênero poemas e aos 75 anos publicou seu primeiro livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, o qual foi objeto de estudo desta pesquisa. A partir desse contexto, o trabalho tem como objetivo geral identificar a cultura gastronômica regional a partir da análise da construção dos versos da escritora no livro acima citado. Para tal finalidade, buscou-se como objetivos específicos identificar os poemas relacionados com gastronomia em seu primeiro livro, identificar a relação entre a literatura e a gastronomia e averiguar a representatividade da figura feminina na obra da escritora. A metodologia aplicada foi do tipo bibliográfica de caráter quali-quantitativo, com enfoque de estudo referencial acerca da regionalidade, gastronomia, literatura e feminino, realizados através dos levantamentos de artigos científicos, entrevistas e leitura dos livros da e sobre a autora. Dos 37 poemas contidos no livro, 21 faziam referência a alimentação, cozinha, agricultura e pecuária. Os poemas identificados com a temática cultura gastronômica regional foram divididos em três categorias: (1) aos ingredientes e utensílios, (2) modos de preparos e receitas e (3) regionalidade com atividades econômicas. Nos poemas analisados, é notório a presença da cultura gastronômica regional, evidenciados seja pelas observações do seu cotidiano com mulheres cozinheiras na família verificados pelos relatos de utensílios, ingredientes e receitas preparadas e também dos relatos da regionalidade com o saber-fazer e atividades econômicas desenvolvidas em sua cidade natal.

Palavras-chave: Cora Coralina; Literatura; Gastronomia; Doceira; Escritora.

ABSTRACT

Cora Coralina (1889-1985), cook-confectioner-poet, was a woman well ahead of her time. The writer stood out in the poems genre and at the age of 75 published her first book "Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais", which was the object of study of this research. From this context, the general objective of this work is to identify the regional gastronomic culture from the analysis of the construction of the writer's verses in the aforementioned book. To this end, the specific objectives were to identify the poems related to gastronomy in her first book, to identify the relationship between literature and gastronomy and to ascertain the representativeness of the female figure in the writer's work. The methodology applied was of the bibliographic type of qualitative-quantitative character, with a focus on referential study about regionality, gastronomy, literature and feminine, carried out through the surveys of scientific articles, interviews and reading of books by and about the author. Of the 37 poems contained in the book, 21 referred to food, cooking, agriculture, and livestock. The poems identified with the theme of regional gastronomic culture were divided into three categories: (1) ingredients and utensils, (2) methods of preparation and recipes, and (3) regionality with economic activities. In the poems analyzed, the presence of regional gastronomic culture is notorious, evidenced either by the observations of his daily life with women cooks in the family, verified by the reports of utensils, ingredients and recipes prepared, and also by the reports of regionality with the know-how and economic activities developed in his hometown.

Keywords: Cora Coralina; Literature; Gastronomy; Confectioner; Writer

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Museu Casa de Cora Coralina.....	17
Figura 2 - Cora Coralina escrevendo seus poemas.....	20
Figura 3 - Fogão e tacho de cobre da Casa Velha da Ponte.....	22
Figura 4 - Cora Coralina fazendo doces.....	23
Figura 5 - Cora Coralina e o livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritivo de poemas relacionados com a cultura gastronômica de acordo com a análise de conteúdo e por categoria, no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.....34

Quadro 2 - Descritivo de poemas relacionados com a representatividade da figura feminina de acordo com a análise de conteúdo, no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.....41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo Geral.....	15
2.2 Objetivos Específicos.....	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1 Cora Coralina e suas singularidades.....	16
3.2 A mulher poetisa.....	19
3.3 A mulher doceira.....	21
3.4 A mulher por trás dos versos.....	24
3.5 Influência da gastronomia na literatura.....	25
3.5.1 Comida e simbolismo na literatura.....	26
3.6 Cultura gastronômica regional.....	27
3.7 A representação da figura feminina nas obras literárias.....	29
4 METODOLOGIA.....	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
5.1 Identificação, categorização e análise dos poemas referentes a cultura gastronômica regional.....	33
5.2 Análise da relação entre a literatura e a gastronomia poemas da escritora.....	39
5.3 Identificação e análise da representatividade da figura feminina nos poemas da escritora.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47

REFERÊNCIAS.....48

APÊNDICE.....53

1 INTRODUÇÃO

Uma exímia observadora e cronista da vida cotidiana, Cora Coralina deixou um legado como mulher, escritora e cozinheira a partir da criação das suas obras de artes escritas e palatáveis. Através de uma linguagem simples, a escritora relata a figura feminina em suas diferentes fases, facetas e papéis, descrevendo suas potencialidades e vulnerabilidades como mãe, mulher e pessoa excluída pela sociedade, assim como também retrata os caminhos para seu empoderamento, protagonismo e autonomia (SANTOS, 2019).

Além da narrativa sobre as mulheres, em sua escrita também é evidenciada a valorização da regionalidade, através do diálogo entre registros das memórias da sua cidade natal e dos costumes tradicionais, como por exemplo, a produção de doces a partir de frutas do cerrado, os quais foram inspiração para o seu ofício de doceira. Dessa forma, a escritora-doceira pode ser considerada como responsável pelo reconhecimento e desenvolvimento de Goiás, cidade patrimônio histórico e turístico, na vertente do turismo e hospitalidade (DELGADO, 2002). A leitura dos versos coralineanos são um convite irrecusável para experienciar e adentrar o seu cotidiano, suas memórias, seu ofício de cozinheira e doceira e as características naturais da sua cidade natal (FERREIRA e TORRES, 2020, p.3).

A ideia da pesquisa surgiu a partir do interesse acadêmico e pessoal pela gastronomia e literatura, sendo desta última em particular o poema, gênero textual literário formado por versos. Levando em consideração, a relevância de ambas como instrumentos que permitem o manifestar da expressão em diversas formas artísticas, para o ser humano.

A escolha específica pela escritora Cora Coralina e sua primeira obra deve-se ao seu papel como figura marcante e singular de mulher, cozinheira e poetisa, além de uma memória afetiva conforme apresentado no APÊNDICE A.

O presente trabalho buscou identificar a presença da cultura gastronômica regional através da análise dos poemas escritos por Cora Coralina em seu primeiro livro publicado “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”. Levando-se em consideração que a escritora Cora Coralina constrói seus versos a partir das suas vivências cotidianas como filha, mulher moradora das cidades de Goiás e São Paulo, assim como seus ofícios de cozinheira e doceira supõe que será identificada a cultura gastronômica regional. Pontuou-se também, constatar a relação das ciências interdisciplinares literatura e gastronomia e verificar a representatividade da mulher em sua obra literária.

A gastronomia, como ciência, nos permite abranger a conexão da cozinha com a regionalidade, como afirma Oliveira & Silva (p.231, 2021):

Em relação às análises sobre a cozinha regional, a Gastronomia, como um campo de conhecimento, nos possibilita compreender como a cozinha se articula com a dimensão regional, pontuando como os territórios geograficamente estabelecidos tendem a expressar através da alimentação as identidades culturais que constroem essa cozinha.

Sendo assim, a valorização da cultura gastronômica em uma região transpassa o sentido de sobrevivência, carrega consigo a representação dos seus costumes, memórias, hábitos, práticas alimentares, história e identidade, possibilitando por meio desta o reconhecimento da sua população.

O texto da pesquisa foi construído em quatro capítulos, a priori tendo como objeto de estudo o primeiro livro da escritora Cora Coralina. Apresenta-se inicialmente a biografia de Cora Coralina por meio de quatro tópicos compreendidos entre: Cora Coralina e suas singularidades, mulher poetisa, mulher doceira e mulher por trás dos versos. A seguir, o segundo capítulo fará a abordagem parte da análise da influência da literatura na gastronomia com descritivo da comida e simbolismo na literatura. O terceiro capítulo irá retratar a cultura gastronômica regional. E por fim, o último capítulo a representação da figura feminina nas obras literárias.

A identificação dos poemas descritos no livro sob a ótica da gastronomia proporciona a compreensão das relações do saber-fazer com os sujeitos, memórias, histórias e cultura do local e a promoção da interface entre a experiência poética e sinestésica. Em uma vertente semelhante, sob o ponto de vista da interdisciplinaridade, Passos e Rejowski (2022, p.377) realizaram a pesquisa do poema “Ô de casa!” de Cora Coralina sob o ângulo da hospitalidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar a cultura gastronômica regional a partir da análise da construção dos versos da escritora Cora Coralina no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.

2.2 Objetivos Específicos

Identificar os poemas relacionados com gastronomia em seu primeiro livro.

Constatar a relação entre a literatura e a gastronomia a partir dos poemas da escritora.

Averiguar a representatividade da figura feminina na obra da escritora.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Cora Coralina e suas singularidades

Nascida em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás, na Casa Velha da Ponte, filha de Jacyntha Luiza do Couto Brandão e do desembargador Francisco de Paula Lins Guimarães Peixoto. Anna Lins dos Guimarães Peixoto, Aninha da Ponte na infância e Cora Coralina na juventude e velhice. Filha, irmã, mulher, esposa, mãe, dona de casa, vendedora, escritora, poetisa, cozinheira e doceira. “Cora Coralina dispensa legendas. É ela a própria legenda de uma época e de uma história: de um quase século de vivências poéticas do mais puro dos Brasis, o Brasil do Interior, Brasil Central, Brasil- Coração” (CORA CORALINA, 1985, p.5).

A Casa Velha da Ponte, foi adquirida pelo seu bisavô no século XVIII, faz parte da história de vida da escritora, indo muito além de uma morada, foi lugar de aconchego, aspirações, memórias e recomeço. A casa foi comprada pelo pai de Aninha, do sogro, no ano de 1887, e ofertada de presente a sua mulher logo após o nascimento de sua primogênita Helena. No ano de 1900 a casa teve que ser alugada para estabilizar a vida financeira da família, a qual passou por momentos delicados, em virtude a morte do pai de Aninha, 1 mês e 25 dias de seu nascimento e a abolição da escravatura. Em 1905, a família de Aninha e juntamente tias e avó retornam a casa. Em 1936, após a morte de Jacintha, permanecem na casa a filha caçula, Ada Maria e seus netos, oriunda do relacionamento com o médico Antônio Ferreira Ribeiro da Silva. Em 1956, Cora Coralina retorna a sua cidade natal a fim de resolver as questões de inventário e inicialmente sem renda fixa e dinheiro suficiente para comprar a parte dos demais herdeiros, Cora passa a vender os doces e consegue comprar a casa. Em 1985 após sua morte, os filhos da escritora venderam-na ao município com a condição de manter viva e preservadas as memórias da mãe. Em 20 de agosto de 1989, data na qual completa-se o centenário de nascimento da escritora, a Casa Velha da Ponte é transformada no Museu Casa de Cora Coralina (Figura 1) (BRITTO e SEDA, 2009).

Figura 1 Museu Casa de Cora Coralina



FONTE: Arquivo do Museu Casa de Cora Coralina¹

A infância de Aninha foi marcada pela ausência do pai, abandono e falta de afeto da família. Tal fato pode ser elucidado através de dois relatos, um que descreve o desabrigo enfrentado pela escritora e o outro demonstra o contraponto de amparo encontrado pelo carinho de uma tia. O primeiro através do trecho do poema *Minha Infância*, no qual Cora descreve a sua criação e as consequências colhidas do desamparo familiar.

Melhor fora não ter nascido... Feia, medrosa e triste. Criada à moda antiga, - ralhos e castigos. Espezinhada, domada. Que trabalho imenso dei à casa. Para me torcer, retorcer, medir e desmedir. E me fazer tão outras, diferente, do que eu deveria ser. Triste, nervosa e feia. Amarela de roso empapuçado. De pernas moles, caindo à toa. Retrato vivo de um velho doente. Indesejável entre as irmãs. Carinho de mãe. Sem proteção de Pai...- melhor fora não ter nascido. E nunca realizei nada na vida. Sempre a inferioridade me tolheu. E foi assim, sem luta, que me acomodei na mediocridade de meu destino (CORA CORALINA, 1985, p. 176).

E um segundo relato, em um dos trechos do livro *Cora Coragem Cora Poesia*, escrito por sua filha caçula Vicência Bretas Tahan, intitulado biografia romanceada de sua mãe Cora, na qual descreve as características físicas, origem do nome e o acolhimento encontrado através do cuidado da tia vó Dindinha

Essa era o oposto da outra: magra, chorona, feia. Ana nome escolhido pela avó, ardorosa devota de Sant'Anna. A mãe deixou-a à guarda de uma velha tia- Vó Dindinha-, que vivia com a família, pelos cantos, calada, sem motivação, mas que

¹ Disponível em < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/04/10/interna_diversao_arte,478941/30anos-desde-a-morte-de-cora-coralina.shtml. Acesso em: 20 outubro 2023.

renasceu ao ter que cuidar da pequenina tão indesejada pela maioria, gerada por um pai doente e idoso, às vésperas de se mudar para o Além (TAHAN, 2002, p.10).

Essa fase de vida a inspirou e é relatado em vários de seus textos, graças aos ensinamentos e benevolência da Mestra Silvina, que além de ser sua única professora foi também madrinha de crisma e homenageada através da dedicação do livro *Vintém de cobre* (BRITTO e SEDA, 2009). Diante a tal acontecimento, pode-se observar sua habilidade de resiliência já desde menina, na qual soube usar a potencialidade de observadora para transcrever seus sentimentos e emoções através das escritas, proporcionando o afago e companhia que sempre a faltaram e também a construção do início da sua trajetória de reconhecimento como escritora. Pode-se verificar o relato acima, segundo *Anjos* (2013)

“A menina feia da ponte se viu marginalizada pelo padrão de beleza da época, construiu sua história pela sensibilidade da poesia e pela naturalidade da sua prosa, que debruçou sobre o cotidiano, as tradições e a cultura do povo goiano” (ANJOS, p.10, 2013).

Aos 14 anos quando começa a escrever e decidi mudar de nome, visto que em sua cidade haviam muitas mulheres com o nome de Ana. Em entrevista à TV Brasil, Cora explica o motivo de seu nome de batismo

Quando eu comecei a escrever com muita vaidade e ignorância, nessa cidade havia muita Ana, Santana é a padroeira daqui. E quando nascia uma menina numa casa davam de logo o nome de Ana, nascia outra era Ana, de modo que na cidade era cheia de Ana, Aninha, Anica, Niquita, Niquinha, Niquota, Doca, Doquinha, Doquita, tudo isso era Ana ocê ia procurar saber era Ana (TV BRASIL, 2014).

De Aninha da Ponte optou-se pelo pseudônimo Cora Coralina, com anseios de ser uma escritora diferenciada. De acordo com a escritora a motivação de Cora veio em referência a coração e Coralina, da cor vermelha.

Em um dos saraus que frequentava conheceu e se apaixonou por um homem mais velho, advogado e desquitado, Cantídio Tolentino Bretas. Em 1910, aos 21 anos, fugiu e casou mudando-se para o interior de São Paulo, na cidade de Jaboticabal, mesmo com a reprovação de sua família, tendo seis filhos, três mulheres e três homens, sendo que dois morreram logo após o nascimento. Em entrevista à TV Cultura, em 1983, Cora Coralina conta sobre sua limitação, exclusão e opressão sofrida durante sua infância e adolescência e o almejo do fim da libertação através do casamento.

Eu não sei se eu sou um mulherão ou uma mulherinha, (viu) eu sei que eu sou uma mulher como outra qualquer. Esse processo se fez naturalmente, eu não fiz nada para

ele e ninguém fez nada para ele. De menina eu fui sempre limitada. Cresci entre oito mulheres que me limitavam, cada uma queria me enquadrar dentro de um molde que parecia a elas o certo e eu sempre errada. E daí veio o meu desejo de me libertar daquele meio familiar constrangedor e o casamento que era a única porta aberta daqueles tempos remotos e foi uma ilusão muito grande porque liberta da coerção, da limitação da família. Eu passei para limitação de meu marido que era 22 anos mais velho do que eu e carregava com ele uma carga; vamos dizer uma carga muito pesada como se fosse tara de ciúme, mas consegui viver com ele 24 anos e nunca me arrependi (TV CULTURA, 1983).

Renato Barbieri, diretor do filme “Cora Coralina- Todas as Vidas” em entrevista ao Correio Brasiliense descreve como a escritora passou-se de figura local para figura nacional e o convite para a direção do filme.

Um pouco ficção, um pouco documentário, chama-se de DOCFIC e um pouco poético também, o filme tem uma estrutura poética. Pois é, eu fui apresentado a Cora Coralina quando aconteceu o boom dela no Brasil, Cora Coralina ficou conhecida em 1980 com a crônica do Carlos Drummond de Andrade no Jornal do Brasil e a partir dali ela se tornou uma figura nacional, ela não era nacional, ela era local, era uma figura conhecida em Goiás, mas não era conhecida do Brasil... Uma mulher de Goiás e que era uma poeta que eu me interessei pela poesia dela e pela figura dela... Quando Márcio Cury, grande produtor que nos deixou há um ano lamentavelmente e Paulo Sales, neto de Cora, me convidaram para dirigir esse filme a partir de um livro muito legal Raízes de Aninha, uma biografia, muito profunda, muito densa, um livro de fôlego sobre Cora Coralina (CORREIO BRASILIENSE, 2017).

3.2 A mulher poetisa

Cora Coralina é uma das maiores poetisas da língua portuguesa do século XX, sendo a responsável pela valorização da cultura nacional. Cora Coralina veio de uma família tradicional e culta de Goiás, entretanto fez somente as quatro primeiras séries do curso primário, fato que não foi impedimento ao gosto e despertar pela literatura, conforme relata por sua filha Vicência Bretas Tahan, no trecho abaixo retirado do livro “Cora Coragem Cora Poesia”

Um mundo novo chega através das figuras, no primeiro momento, e depois através das letras, onde descobre o quanto há de novo e belo nos velhos almanaques empilhados no quartinho de despejo, onde a mãe tem amontoado relíquias, coisas mil que um dia, pensa, terão utilidade (TAHAN, 2002, p. 19).

Em entrevista à Rede Manchete, em julho de 1984, Cora conta sobre sua inspiração para escrever e detalha sua alfabetização.

Cheguei à adolescência. Ai me veio um espírito, uma mensagem, sei lá o que foi, para escrever, eu não tinha competência nenhuma para escrever, como hoje também não tenho, mas porque só tive na vida uma escola primária e uma velha mestra que era 50

anos mais velha do que eu, já tinha ensinado a geração de minha mãe, era aposentada, uma aposentadoria muito pequena, ela então abriu uma escola primária que suas ex alunas matriculavam ali os filhos, esta foi a única escola da minha vida e nessa escola eu ocupei sempre o banco das mais atrasadas , dei muito trabalho para a minha mestra, mas hoje para mim a minha mestra representa tudo na minha vida, representa tudo, porque devo a ela ter me tirado daquele marasmo, daquela paradeira em que eu vivia, não tinha capacidade de aprender, aquela dificuldade enorme foi a paciência dela que conseguiu romper aquela crosta grossa das minhas dificuldades (REDE MANCHETE,1984).

Com sua habilidade natural para as escritas, aos 14 anos publica seu primeiro conto, — Tragédia na roça — em 1910, no Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo de Goiás. Na mesma entrevista há pouco referida, Cora descreve seu ritual de escrita dos poemas (Figura 2)

Eu não tenho horário para levantar e nem para escrever. Agora a maioria das minhas produções são realizadas no meio da noite. Lá na minha terra eu tenho um castiçal, uma vela, uma caixa de fósforo perto da minha cama, e quando eu acordo com a (minha), uma mensagem que me veio durante o sono, acordo com ela, tenho que acender aquela luz, pegar um caderno espiral, uma esferográfica e lançar aquela pequena mensagem, porque se eu não faço isso aquela onda de inspiração passa e não volta, essa não volta, dirá outras, mas essa não volta mais. Então eu tenho que aproveitar tudo isso (REDE MANCHETE,1984).

Figura 2: Cora Coralina escrevendo seus poemas



Fonte: Acervo da Família²

Já em seus primeiros textos é possível identificar a veracidade, comprometimento e humanidade, mesmo sendo incompreendida pelo meio, ao descrever sobre suas memórias da infância sofrida, das suas vivências e mazelas dos marginalizados.

² Disponível em: <https://www.revistabula.com/25994-cora-coralina-a-historia-da-poeta-que-publicou-seu-primeiro-livro-aos-75-anos/>

Tal passagem da sua vida pode ser evidenciada através do poema Das Pedras, no livro Meu livro de Cordel

Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. Levantei uma escada muito alta e no alto subi. Teci um tapete floreado e no sonho me perdi. Uma estrada, um leito, uma casa, um companheiro. Tudo de pedra. Entre pedras cresceu a minha poesia. Minha vida...Quebrando pedras E plantando flores. Entre pedras que me esmagavam Levantei a pedra rude dos meus versos (CORA CORALINA, 2013, p.11).

Britto e Seda (2009, p.04) a define como: “Aquele que, com um toque dos dedos, desnuda o mal do mundo.” Inicialmente as escritas podem ser consideradas como antítese na vida da escritora, haja vista que ela trouxe alforria e enclausuramento, a priori eram a sua voz abafada e de socorro, seu modo de expressão e comunicação diante as situações enfrentadas de desprezo dentro de seu próprio núcleo familiar e da sociedade, e ao mesmo tempo taxadas como atrevidas para uma mulher na sociedade goiana patriarcal da época (JARDIM, 2018, p. 13). Sobre a evolução das escritas manuais para datilografia e o lançamento do seu primeiro livro Renato Barbieri descreve:

“Com 74 anos ela aprende a datilografar, para tirar do manuscrito para um formato publicável, para um formato editorial. Então ela fez essa passagem e lança seu primeiro livro já setuagenária” (CORREIO BRASILIENSE, 2017).

Cora é uma escritora atemporal, de linguagem simples e inspirações sobre a vida cotidiana e considerada como a segunda grande leitura na mídia digital mesmo após tanto tempo. Sobre este relato, Barbieri afirma:

Cora tem uma atualidade muito grande e ela atingiu uma universalidade também ela conseguiu se comunicar com jovens e pessoas de mais idade... Lá naquele tempo eu tinha vinte e poucos anos, eu era bem jovem, eu me encantei com a Cora e com os poemas dela, então pessoas mais velhas também se encantaram. Então, hoje a Cora é a segunda maior fanpage do facebook de escritores, primeiro é Clarice Lispector, isso mostra uma atualidade da Cora, A gente vê que o público dessa fanpage, o público que busca a Cora e tem interagido conosco por causa do filme é um público jovem também. Então eu acho que Cora tem atualidade, estamos falando de uma mulher que morreu a 32 anos e estamos falando como se ela estivesse aqui ano passado. E os lugares que eu passei no interior de São Paulo, isso me chamou muito a atenção, entrevistei pessoas que estiveram com ela a 70 anos e falam como se fosse ano passado. Então ela realmente marcou uma figura assim meio orixá (CORREIO BRASILIENSE, 2017).

3.3 A mulher doceira

“Minhas mãos doceiras. Jamais ociosas. Fecundas. Imensas e ocupadas. Mãos laboriosas. Abertas sempre para dar, ajudar, unir e abençoar” (CORA CORALINA, 2013, p.63).

Aos 61 anos, após a morte de seu marido, Cora Coralina volta para sua cidade natal, em sua casa velha da Ponte, e o ofício de doceira foi o responsável pela sua subsistência. Guiada pelas suas raízes ancestrais e nativas, Cora iniciou sua produção com frutas do cerrado originando doces cristalizados, glaçados ou feitos em sua própria calda, todos produzidos em tacho de cobre (Figura 3). Os mais famosos eram os de mamão verde, laranja, figo, goiaba, cidra, abóbora e batata com leite de coco. Mesmo sendo um costume tradicional das famílias goianas a produção de doces, nota-se através do depoimento de seu neto Flávio de Almeida Salles Júnior, extraído do livro *Cora Coralina Doceira e Poeta*, na qual ele destaca o dom culinário através da descrição do ritual próprio para a realização de cada doce de fruta

Para cada fruta havia um ritual próprio. O figo, por exemplo, recebia um corte pouco profundo, em forma de cruz, na extremidade mais achatada. Depois recebia uma leve fervura. Após esfriar, era colocado em uma bandeja e ia para o freezer da geladeira. Depois de totalmente congelado, podia ser descascado com facilidade, com o simples esfregar dos dedos (CORA CORALINA, 2009, p.75).

Em outro trecho o neto conta que os doces vendidos na cidade com a receitas de sua vó não são comparados aos originais e exalta o ofício de doceira da vó.

Veem-se hoje doces à venda, em Goiás, como sendo receitas de minha avó, mas em nada eles se parecem com os originais em termos de sabor, aparência e acabamento. Minha avó dizia e escrevia que se considerava muito mais doceira do que escritora. Quem conhece sua obra literária, mas não conheceu seus doces, pode imaginar o que eram aqueles pitéus. Salve a grande coceira, minha vó Cora! (CORA CORALINA, 2009, p.75).

Figura 3: Fogão e tacho de cobre da Casa Velha da Ponte



Fonte: Acervo Museu Casa de Cora Coralina³

³ Disponível em <https://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>

Uma característica diferencial da comercialização eram o cuidado e capricho com as embalagens, além do seu poder nato de convencimento para a compra dos doces, como descreve sua filha caçula Vicência Bretas Tahan, no livro *Cora Coralina Doceira e Poeta*

Sempre teve o préstimo de embalar o doce vendido em caixinhas de papelão-um quilo em cada uma-forrados com papel manteiga ou seda, uma camada de cada variedade que tinha no momento. Depois, embrulhava em papel bonito, que comprava ou ganhava em bobinas, e passava o cordão. Não adiantava o freguês querer só de uma espécie era convencido a levar daquela forma, alertado para a qualidade excelente de todos os doces (CORA CORALINA, 2009, p.140).

O registro fotográfico abaixo (Figura 4) elucida Cora na cozinha de sua casa na confecção dos doces. Na imagem nota-se a alegria, paixão e vivacidade durante a execução do seu ofício de doceira, o qual a fez transpor fronteiras e percorrer o mundo sem ao menos sair da sua cidade natal adquirindo saudação, como é relatado por sua filha caçula

Doces seus saíram de Goiás para todo o Brasil, para alguns lugares dos Estados Unidos, para Riviera Frances, levados por visitantes. Para o papa João XXIII, entregue por S. Ex^a. Ver. O bispo de Goiás que, na volta, trouxe uma bênção especial, um terço e um cartão de Sua Santidade, agradecendo o mimo (CORA CORALINA, 2009, p.140).

Figura 4: Cora Coralina fazendo doces



Fonte: Acervo Museu Casa de Cora Coralina⁴

O ofício de doceira trouxe o reconhecimento tardio em sua cidade natal, em contrapartida à rejeição enquanto criança sapeca e adulta contrafeita (JARDIM, 2018, p.11).

Através de um trecho do seu livro *Meu livro de Cordel*, pode ser ilustrado a importância e reconhecimento da profissão de cozinheira, em específico a produção e venda de doces, mesmo após a publicação das suas obras e reconhecimento como escritora “Sou mais

⁴ Disponível em <https://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>

doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à saúde humana” (CORA CORALINA, 2013, p. 83).

3.4 A mulher por trás dos versos

“Vive dentro de mim a mulher do povo. Bem proletária. bem linguaruda, desabusada, sem preconceitos, de casca-grossa, de chinelinha, e filharada” (Cora Coralina, 1985, p.46).

Cora já era defensora das causas humanistas, antes mesmo do assunto ser pauta na sociedade, ao dar voz e luz a classe marginalizada em seus textos, a escritora demonstra ser uma mulher à frente do seu tempo. Conforme identifica Barbieri:

Ela era uma ativista, ativista na questão ambiental muito a frente...Ela já estava falando de ambientalismo nos anos 40, anos 30. Realmente ela era uma visionária. Cora Coralina também teve uma sensibilidade muito grande com menores abandonados, fez poemas ligados a menores abandonados, presidiários, as prostitutas, ou seja, era humanista, ela conseguia ver as pessoas como os seres humanos além do seu status social (CORREIO BRASILIENSE, 2017).

Mas, como muitas vezes acontece com outras mulheres e homens que escrevem, não é sua mensagem social para um ‘agora’, mas suas palavras humanas são para ‘sempre’ (BRITTO E SEDA, 2009, p. 08).

Entre tachos de cobre e máquina de datilografar, a mulher aguerrida e multifacetada que vendia doces de dia e escrevia livros a noite, ocupante da cadeira número 38 da Academia Goiana de Letras, recebeu diversos prêmios e ganhou reconhecimento nacional. Foi inspiração para criação de documentário intitulado “Cora Coralina, Todas as Vidas”, baseado no livro “As raízes de Aninha”, leitura cinematográfica que retrata todas as mulheres que viveram na escritora. “Ela teve a coragem de sair de Goiás e teve a coragem de voltar para Goiás, não pensem que as pessoas a receberam de porta aberta não, pelo contrário” (CORREIO BRASILIENSE, 2017).

Sobre o lado feminista e empoderamento de Cora, Renato Barbieri relata

O empoderamento da mulher, a emancipação feminina pega mais força na segunda metade do século XX como um fenômeno de massa, mas a Cora então ela é uma pioneira como pouquíssimas mulheres tinham coragem... imagina Goiás o que era em 1900, muito conservador. E ela enfrentou tudo isso, se encantou com Cantídio que era um homem casado, engravidou, transou o Cantídio, engravidou e caiu fora, não dá pra viver aqui, eu vou embora, subiu no cavalo (CORREIO BRASILIENSE, 2017).

Para PINHEIRO (2003), Cora é uma mulher com características singulares cuja liberdade, autenticidade e empoderamento são os traços marcados em sua vida e suas escritas, incomuns na época, mas que trouxeram inspirações e deixaram registros relevantes e históricos na literatura e gastronomia trazendo visibilidade para a cidade de Goiás, como pode ser verificado no trecho do poema Cantoria, no livro *Meu livro de Cordel*

Meti o peito em Goiás e canto como ninguém. Canto as pedras, canto as águas, as lavadeiras, também. Cantei um velho quintal com murada de pedra. Cantei um portão alto com escada caída. Cantei a casinha velha de velha pobrezinha. Cantei colcha furada estendida no lajedo; muito sentida, pedi remendos pra ela. Cantei mulher da vida conformando a vida dela. (Cora Coralina, 2013, p. 09)

3.5 Influência da gastronomia na literatura

A associação entre a literatura e gastronomia pode ser identificada desde o descobrimento do Brasil. Está temática é ilustrada na literatura brasileira a partir da Carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento oficial escrito em 1500, na qual ele descreve e exalta o solo, a fauna e a flora e registra o grande potencial produtivo das terras brasileiras (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2019). Dessa forma, verifica-se a interdisciplinaridade entre as duas ciências, haja vista a construção de uma ferramenta de análise e desenvolvimento teórico e prático de experiências, observações e manifestações humanas. Em seu artigo “Os sabores da literatura ou: como a gastronomia se apoia nos modos de dizer”, Seixo destaca que

Além da satisfação do meu próprio paladar, em várias acepções do termo, interessa-me sobretudo sublinhar aqui a capacidade da Literatura em representar, de modo rico e multiforme, a Alimentação, a Culinária e a Gastronomia, enquanto aspectos da vida quotidiana normalizada ou excepcional, de regiões ou cosmopolita, indo da prática humana mais rasteira (no dia-a-dia de quem nem pensa sobre o que come) ao nível mais elaborado da confecção do texto como alimento supremo, do corpo ou até do espírito (SEIXO 2017, p.17).

Farias (2018, p.10) registra a integração recíproca entre a literatura, através do movimento modernista e a gastronomia, ao descrever a existência de um diálogo entre ambos, no qual o primeiro é “o movimento que busca as raízes do Brasil e a eleição da gastronomia como uma dessas raízes, que não só nos alimenta como conta a nossa história, traço da nossa cultura, símbolo que nos traduz em outros lugares do mundo e para nós mesmos.”

Passarini et al (2019, p.1) relatam a interdisciplinaridade das duas ciências, gastronomia e literatura, a partir da acessibilidade e participação na vida humana como instrumentos de promoção de conhecimento.

A pesquisa de Rocha (2017) apresenta a importância da literatura gastronômica no período do Renascimento, na Itália no século XIII e XIV, para a construção da identidade nacional através dos tratados gastronômicos ao descrever a cultura e hábitos alimentar, receitas, métodos de cocção e etiqueta a mesa durante os banquetes e cerimônias.

Delgado (2002), Ferreira e Torres (2020), Jardim (2018) e Passarini et al (2019) descrevem em seus trabalhos, a consonância entre literatura e gastronomia, apoiadas no conceito de saber e sabor, para a construção da identidade e confirmação de Cora Coralina como uma das principais escritoras brasileiras. Tal conexão, foi evidenciada pela publicação do livro “Cora Coralina Doceira e Poeta” (2009), o qual contém uma amostra de receitas de Cora, evidenciando sua habilidade como poetisa em sincronia com a paixão pela gastronomia.

Jorge Amado foi um escritor que fez da gastronomia o enredo de construção de suas principais obras literárias através da ilustração da identidade cultural brasileira. Taveira e Medeiros (2015), ilustram a gastronomia na obra *Dona Flor e seus dois maridos*, escrita por Jorge Amado, em 1966, através da exaltação da personagem principal como exímia cozinheira, além da descrição de quatro receitas que exprimem a cozinha regional e a identidade cultural baiana. O escritor descreve em sua obra a brasilidade e arte da sedução, o que pode ser comprovado no trecho de Farias

Jorge Amado retrata a gastronomia, fazendo refleti-la como elemento primordial, que retrata não somente a Bahia, mas que faz contar um Brasil, que de tão rico culturalmente é capaz de traduzir em sua cozinha uma diversidade gastronômica eficiente em seduzir, seja pela figura feminina de Gabriela, seja pelos quitutes feitos e temperados de forma exemplar, a construção de um povo, o nosso povo (FARIAS, 2018, p.23).

Eça de Queiroz, escritor português, também pode ser mencionado por utilizar-se da gastronomia como cenário para elaboração de suas obras literárias.

Eça convida constantemente seu leitor a saborear uma infinidade de entradas, pratos, sobremesas e uma variedade bastante significativa de bebidas: vinhos, licores, águas, champanhe... Comida, bebida, comer e beber podem ser encontrados na quase totalidade da sua obra literária e em boa parte da obra crítica e da jornalística (ANDRADE,2015, p.166).

O autor foi conhecido por ser apreciador da culinária da sua terra natal, sendo a comida inspiração e tendo grande destaque. Para Grgić, (2017, p.04) “podemos presumir que cada prato e bebida ou episódio gastronômico que o autor introduz tem um papel único no romance mencionado, mas também em toda a obra dele.”

3.5.1 Comida e simbolismo na literatura

Nas obras de Cora Coralina é possível identificar a conexão entre a comida e o simbolismo na literatura, através do uso dos elementos culinários como enredo para compreensão de sua obra através da comida, conectando o leitor as memórias de sua infância, tradições e comensalidade. A comida exerce um papel sociocultural promotor da liberdade de expressão e meio de preservação das características de um povo, a partir do momento em que possibilita demonstrar todas as manifestações e costumes alimentares através da confecção de todos os processos que envolvem a confecção de um prato (FARIAS, 2018, p.13).

Conforme Carvalho e Martins (2020, p. 7)

O ato de alimentar-se e o de ler são dotados de simbolismos culturais, já que, em ambos, podemos observar algumas dimensões da vida social. Assim, comida e literatura, a todo instante, apropriam-se e falam de ideias que circulam em torno de simbologias; enquanto referenciais dinâmicos – e, de certa forma, reconhecidos entre distintos grupos - proporcionaram possibilidades para pensar como é se movimentar entre conceitos sociais que nem sempre oferecem fronteiras evidentes: etnia, reconhecimento, exclusão, distinção, classe, geração, gênero etc. estão presentes entre as constituições alimentares e os registros literários. Na mesma medida em que estabelecem marcadores de diferença, pratos e livros são também capazes de fortalecer a construção de identidades por evocarem emoções, memórias, tradições e histórias.

A partir da análise de três obras do escritor José de Alencar, Kaspar, 2016 identifica a menção da identidade nacional através dos hábitos alimentares dos personagens.

Mariz e Oliveira, 2012 através do estudo de dois romances, *Dona Flor e seus dois maridos* do escritor Jorge Amado e *Comment cuisiner son mari à l’africaine* da escritora Calixthe Beyala, evidencia a interdisciplinaridade das duas ciências na qual a habilidade culinária de ambas personagens principais é um elemento chave do enredo do texto para a sedução e conquista dos homens.

Farias (2018, p.10) em sua pesquisa realiza a análise da obra de Jorge Amado, *Gabriela Cravo e Canela*, contextualizando o papel simbólico da comida efetivado pela personagem principal, Gabriela, como enredo principal da construção do livro.

3.6 Cultura gastronômica regional

A comida surge como um instrumento que desperta e aguça todos os sentidos e faz da nossa gastronomia um patrimônio social, cultural e turístico.

Nesse sentido, Farias ressalta que:

A comida é um patrimônio social, capaz de narrar a nossa história, e por isso capaz de ser fator de identificação cultural da nossa nação, mesmo sendo parte de um processo material da construção do nosso território imaginado, ela pode ser levada para qualquer lugar do mundo e ainda assim ser parte invariável da nossa cultura brasileira (2018, p. 12).

A gastronomia brasileira é caracterizada pela sua pluralidade, sendo influenciada por diversas culturas e povos, desde os indígenas a europeus e africanos, mesclando tradição a mudanças (BROCHADO, 2004). Esta característica é evidenciada pelos diferentes hábitos alimentares, ingredientes, formas de preparos, apresentação, técnicas utilizadas, utensílios e pratos típicos de cada região.

Para Muller, Amaral e Remor

a gastronomia típica pode ser definida como junção dos saberes e sabores oriundos dos alimentos e bebidas e das práticas de serviços que fazem ou fizeram parte dos hábitos alimentares de uma localidade, dentro de um processo histórico-cultural de construção da mesma (MULLER, AMARAL E REMOR, 2010, p. 02).

A cidade de Goiás, localizada no Centro-Oeste, no Planalto Central brasileiro é conhecida por sua cozinha plural e de fusão, como relata Signoreli

Embora os hábitos alimentares em Goiás sigam uma receita mais ou menos parecida com a culinária mineira e paulista, com as quais compartilha vários pratos, a cozinha goiana se destaca por misturar no mesmo caldeirão suas origens indígenas, com pitadas de gosto europeu, um leve tempero africano e doses de bom humor (SIGNORELI, 2010, p.31).

O cerrado é um dos principais biomas de Goiás, um dos mais ricos do Brasil. Esse bioma é um dos responsáveis pela sua diversidade alimentar e consequente destaque da cidade nos setores de alimentação e bebidas. Em especial, os doces famosos da cidade, oriundos das frutas do cerrado originaram-se provavelmente para a sua conservação, tendo em vista o período curto de colheita das frutas, somente de setembro a janeiro (CORA CORALINA, 2009).

No século XIX, em decorrência ao esgotamento da atividade mineradora, principalmente o declínio do ouro, Goiás deu início a exploração da agricultura e pecuária, que a priori eram atividades secundárias da cidade. A construção e desenvolvimento das estradas de ferro e processo de colonização de migrantes oriundos de Minas Gerais, Bahia e Maranhão, entre 1940 e 1950, promoveram o crescimento populacional e de urbanização da cidade, tornando-a um importante polo agropecuário do país (SILVA, 2011).

A culinária regional é capaz de transmitir todas as características identitárias de um local. Sendo assim, há diversas possibilidades de se retratar a cultura gastronômica na literatura, compreendendo-se desde aos hábitos alimentares e costumes com destaque as comidas e

ingredientes abundantes na região até às práticas econômicas que caracterizam e determinam a produção alimentar local. Cora Coralina e Jorge Amado, são dois grandes exímios escritores brasileiros responsáveis por divulgar as especificidades culinárias das suas cidades natais.

A escritora Cora Coralina traz em suas obras referências sobre hábitos, sabores, costumes e tradições goianas, além de um legado e inspiração para a gastronomia, como aponta Delgado:

Cora exercita a arte do narrador, modelando histórias transmitidas pela tradição oral na Cidade de Goiás. Em muitos enredos, a comida torna-se campo de significados que revelam normas, valores, usos e costumes que tramam as redes de sociabilidades (DELGADO, 2002, p.79)

O escritor baiano Jorge Amado é uma das grandes referências sobre relato e valorização da culinária regional, ao descrever desde os ingredientes típicos aos preparos de pratos doces e salgados da Bahia (MARTINS ET AL, 2021).

Em seu artigo Farias, comenta sobre o papel das obras de Jorge Amado na identificação da cultura gastronômica

Jorge Amado retrata a gastronomia, fazendo refleti-la como elemento primordial, que retrata não somente a Bahia, mas que faz contar um Brasil, que de tão rico culturalmente é capaz de traduzir em sua cozinha uma diversidade gastronômica eficiente em seduzir, seja pela figura feminina de Gabriela, seja pelos quitutes feitos e temperados de forma exemplar, a construção de um povo, o nosso povo (FARIAS, 2018, p. 23).

3.7 A representação da figura feminina nas obras literárias

Cora Coralina é uma das primeiras escritoras a estampar a vida das mulheres na literatura brasileira. Esse fato já é notório em seu primeiro livro publicado Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, em 1965, no qual de acordo com Britto (2013. p.113) “Poemas dos becos se tornou uma fonte de mulher, sobre mulheres, nos permitindo compreender como Cora Coralina pensou a sociedade de seu tempo, perseguindo temáticas e estratégias utilizadas para enfrentar os silêncios.”

No poema “Cora Coralina, quem é você?”, retirado de sua obra Meu livro de Cordel, no trecho descrito abaixo, é possível verificar que Cora nunca recebeu apoio familiar para ser escritora e seja por isso um dos fatores de se intitular “mais doceira e cozinheira do que escritora”. Entretanto a falta de esteio familiar não a impediu de seguir adiante e fazer das suas palavras em forma de versos a libertação e empoderamento não somente dela, mas para todas as mulheres.

Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata a que está ligada à vida e à saúde humana. Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata. Talvez, por tudo isso e muito mais, sinta dentro de mim, no fundo dos meus reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo. Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado (CORA CORALINA, 2013, p.83).

Sales, 2018 em seu artigo intitulado como “As senhoras-donas do beco: expressividade e estereótipo de feminino em Cora Coralina”, evidencia a característica das obras coralineanas de descrição e destaque para mulheres marginalizadas em uma sociedade patriarcal na cidade de Goiás, partir da análise do conto “Minga, Zóio de Prata”, na qual as personagens principais da obra são prostitutas.

Outro autor que também pode ser citado como figura importante no relato de interdisciplinaridade da literatura, gastronomia e o feminino é o escritor Jorge Amado. Em uma de suas obras de maior destaque, Gabriela Cravo e Canela, a construção da imagem de Gabriela retrata uma mulher mulata, emigrante, feminina, sensual, liberta e multitalentosa na arte da cozinha (FARIAS, 2018).

4 METODOLOGIA

A modalidade da pesquisa aplicada foi do tipo bibliográfica de caráter quali-quantitativo, com enfoque de estudo referencial na poeta-doceira Cora Coralina acerca da regionalidade, gastronomia, literatura e feminino.

Os quatro primeiros capítulos contemplados na fundamentação teórica pretendem apresentar a construção da mulher monumento em toda sua trajetória de vida, explorar o diálogo entre a literatura e gastronomia, identificar os traços da cultura gastronômica regional e explanar o papel da figura da mulher nas obras literárias, elencando artigos, teses, periódicos, livros e documentário. As bases de dados utilizadas foram Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES, via rede CAFE, sendo realizadas as etapas de levantamento, seleção e leitura dos resumos relacionados à temática de maio a outubro de 2023. As palavras chaves contempladas para o levantamento referencial foram: Cora Coralina; Literatura; Gastronomia; Doceira; Escritora. Para embasamento teórico sobre a história e trajetória de vida da escritora foram visualizadas e transcritas as entrevistas concedidas por Cora a TV Cultura, TV Brasil e Rede Manchete resgatadas por meio audiovisual através da plataforma You Tube e Facebook e entrevista concedida por Renato Barbieri, autor do documentário Cora Coralina: Todas as Vidas (2017), ao Correio Brasiliense, via plataforma Facebook, assim como foram realizadas as leituras dos livros: Raízes de Aninha, de Britto e Seda (2009), Cora Coralina Doceira e Poeta (2009) e Meu livro de Cordel (2013) de Cora Coralina e Cora Coragem Cora Poesia (2002) de Vicência Bretas Tahan.

A seção de resultado e discussões foi subdividida em três tópicos, 1) identificação, categorização e análise dos poemas referentes a cultura gastronômica regional; 2) análise da relação entre a literatura e a gastronomia através dos poemas da escritora e 3) identificação e análise da representatividade da figura feminina na obra da escritora. Nesta foi ilustrado o reconhecimento das características da gastronomia regional mediante a pesquisa literária dos Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, sendo que dos 37 poemas contidos no livro, 21 faziam referência a alimentação, cozinha, agricultura e pecuária e foram selecionados através da análise de conteúdo das palavras. Optou-se por essa técnica, tendo em vista a possibilidade de identificação e interpretação textual, conforme descreve Moraes:

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p.02)

Os poemas contidos no livro e identificados com a temática cultura gastronômica regional foram divididos em três categorias e serão abordados detalhadamente nos resultados e discussão, através do quadro descritivo para melhor visualização, assim como a citação de algumas estrofes destes poemas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Identificação e análise dos poemas referentes a cultura gastronômica regional

O objeto de estudo deste trabalho é o livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, em sua 8ª edição, datado de 1985, com 248 páginas, sendo composto por 37 poemas, os quais são divididos em duas partes. A primeira parte é composta por 25 poemas e a segunda parte por 12 poemas escritos por Cora Coralina. Cabe ressaltar que o livro contempla alguns escritos e poemas que precedem os poemas da escritora, os quais são de autoria de outros escritores que foram dedicados a Cora Coralina.

Figura 5: Cora Coralina e o livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais



Fonte: Acervo Museu Casa Cora Coralina⁵

A figura 5 demonstra a escritora recitando os poemas do seu 1º livro, os quais conforme relata Anjos (2013), fazem uma narrativa das vivências e memórias do cotidiano em sua terra natal.

A obra é a “transmissão” de bens simbólicos na qual Cora Coralina, em simbiose com sua terra e tradição, narra fielmente as memórias adquiridas da família, da igreja, dos amigos e da estética. Deste modo, tempo, geografia, história e memórias são aspectos que compõem a tessitura textual da escrita coralineana (ANJOS, 2013, p.28).

⁵ Disponível em <https://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>

Nos poemas escritos em seu primeiro livro além de serem autobiográficos e de cunho social, caracterizados por relatos da sua infância e adolescência, assim como a descrição das classes oprimidas e marginalizadas, também é notório a presença marcante da cultura gastronômica como parte da construção e cenários dos versos. A identificação dessa temática nos trechos dos poemas será demonstrada em três categorias, através do conjunto de análise de palavras que remetem: (1) aos ingredientes e utensílios, (2) modos de preparos e receitas e (3) regionalidade com atividades econômicas, respectivamente.

Dos 25 poemas descritos na primeira parte, 16 fazem menção a cultura gastronômica regional, cujos títulos são: Todas as vidas, Minha Cidade, Antiguidades, Estória do Aparelho Azul-Pombinho, A escola da Mestra Silvina, O Prato Azul Pombinho, Rio Vermelho, Velho Sobrado, Becos de Goiás, Do Beco da Vila Rica, Evém Boiada, Trem de gado, Pouso de Boiadas, Cântido de Andradina, Oração do Milho e Poema do Milho. Dos 12 poemas descritos na segunda parte, 5 fazem menção a cultura gastronômica regional, cujos títulos são: As tranças de Boi Maria, Ode a Londrina, O Cântico da Terra Hino do Lavrador, A Enxada e Oração do Pequeno Delinquente. As etapas de construção para identificação dos poemas referentes a cultura gastronômica regional, estão demonstradas no quadro 1.

Quadro 1. Descritivo de poemas relacionados com a cultura gastronômica de acordo com a análise de conteúdo e por categoria, no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.

Nº	Poema	Referência de análise de conteúdo de palavras a cultura gastronômica	Categoria	Página do poema encontrado no livro
PRIMEIRA PARTE				
1	Todas as vidas	Fogo, mulher cozinheira, pimenta, cebola, quitute, panela de barro, taipa de lenha, cozinha antiga toda pretinha, bem cacheada de picumã, cumbuco de coco, pisando alho-sal, mulher roceira, enxerto de terra.	3	45 a 46
2	Minha cidade	Muro verde de avencas onde se debruça um antigo jasmineiro. Caule de trepadeiras sem classe	3	47 a 49
3	Antiguidades	Bolo assado na panela Bolo econômico -pesado, grosso, pastoso. Receitas de bolos, assuntos de licores e pudins	2	53 a 57

4	Estória do Aparelho Azul- Pombinho	Ouro em profusão a secar em couro de boi Vinho de Espinho- Portugal Aparelhos de loiça da China Faqueiros e salva de prata Compoteiras e copos de cristal	2	63 a 65
5	A escola da Mestra Silvina	Pote d'água, Prato de ferro, velha caneca, coletiva, enferrujada	1	75 a 78
6	O Prato Azul Pombinho	Prato de bom bocado e mãos bentas, de fios de ovos, receita dobrada de grandes pudins, recendendo a cravo, nadando em calda. Festas do divino, doces secos, variados, muito finos, encimados por uma coroa alvacenta e macia de cocadas de fita.	2	79 a 86
7	Rio Vermelho	Rio Vermelho Esteiras de peixes Peixe cascudo nas locas Sombra das cajazeiras	3	91 a 94
8	Velho Sobrado	Frutinhas ouro rosa Rosa cheirosa de Alexandria. Sempre viva. Cravinas. Damas entre verdes Jasmim do cabo Resedá Um aroma esquecido-manjerona Salão de frente recende a cravo	3	95 a 99
9	Becos de Goiás	Avenca Burros de lenha/burrinhos dos morros	3	103 a 106
10	Do Beco da Vila Rica	Boninas perfumadas Polistas de botas, trabuco, gibão de couro, jeguedé, batuque, escravos de sunga de tear, camisa de baeta, Velhos potes, velhas bacias, panelas, balaaios, gamelas, Manjiroba, caruru de espinho, guanxuma, são Caetano. Flor de beco	1	107 a 116
11	Evém Boiada	Bois engaiolados Mangueiras esterçadas Bezerros apartados Bezerro novo Vaca atolada	3	137 a 141

		Novilha mestiçada, touro, marruás, aspas etorcidas, cumbucadas levantadas, morrote de cupim. Boi marruco. Boi de carro, caixa, guia, coice, do meio		
12	Trem de gado	Boiadas, cerrados, campos de vacaria, boi deitado	3	143 a 145
13	Pouso de Boiadas	Pouso de Boiadas Gado cansado Bois estropiados Rancho, fogo, trempe, caldeirão, cozinheiro. Janta, café, goladas. Vaqueiro, cavalo pantaneiro	3	147 a 152
14	Cântido de Andradina	Figueiras centenárias Pastos, Mangueirões, Capim colonião, touros, vacadas, potrancas e garanhões, mangueiras, boiadas, fazendeiro	3	153 a 156
15	Oração do Milho	Espigas, angu pesado, broa grosseira, farinha econômica, polenta do imigrante, miga, gado, milho	3	163 a 164
16	Poema do Milho	Milho, feijão	3	165 a 172
SEGUNDA PARTE				
17	As tranças de Maria	Boi, vaquejada, boiadeiro, gado, café de hospitalidade sertaneja	3	183 a 192
18	Ode a Londrina	Terra vermelha, seio da mata, cova profunda plantaram café. Terras escuras roxo vermelhas Trigo dourando a terra padrão. Dizendo fartura, certeza de pão. A cana acamada. Cafezais. Currais amoreiras	3	199 a 202
19	O Cântico da Terra Hino do Lavrador	Espiga generosa de teu gado Plantemos a roça. Lavemos a gleba. Cuidemos do ninho, do gado e da tulha	3	213 a 214
20	A Enxada	Colheita. Guarapa fria de rapadura Espeto de carne pingando na brasa. Panela de arrôis Leitão magro	3	215 a 222

		Galinha de pinto		
21	Oração do Pequeno Delinquente	Bife bem grande, pastel enorme, fruta e doce sem tamanho	1	233 a 234

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Primeiramente o aspecto cultural alimentar pode ser identificado através das citações de utensílios, características estruturais da cozinha e ingredientes utilizados pelas mulheres cozinheiras da família e pela própria Cora, os quais retratam a temporalidade e o ofício diário feminino conforme descreve Delgado (2002, p.72): “O tempo se acumula nos móveis e utensílios que condensam o cotidiano das mulheres, tecendo vínculos entre um passado muito antigo e o presente fugidio do trabalho feminino diário.” Tal categoria é possível verificar nos trechos dos poemas Estória do Aparelho Azul- Pombinho e A Escola da Mestra Silvina.

Um aparelho de jantar- 92 peças. Enorme. Pesado, lendário. Pintado, estoriado, versejado, de loiça azul-pombinho. Encomenda de um senhor cônego de Goiás para o casamento de seu sobrinho e afilhado com uma filha de minha bisavó ... E o aparelho era para as bodas contratadas. Um carro de boi- 15 juntas, 30 bois- bem fornido e rejuntado para a viagem longa, partiu de Goiás, no século passado, do meado, pouco mais. Levava seis escravos escolhidos e um feitor de confiança. Mantimentos para a viagem. E mais, oitavas de ouro, disfarçadas no fundo de um berrante, para os imprevistos da delonga (CORALINA,1985, p.64).

As bodas marcadas se fizeram com aparato. Fartas comezainas. Vinho de Espinho-Portugal- da parte do correspondente. Aparelhos de loiça da China. Faqueiros e salvas de prata. Compoteiras e copos de cristal. Na sobremesa, minha bisavó exultava... Figurava uma pinha de ilusão (CORALINA, 1985, p.66).

Num prego de forja, saliente na parede, estirava-se a palmatória. Porta de dentro abrindo numa alcova escura. Um velhíssimo armário. Canastras tacheadas. Um pote d'água. Um prato de ferro. Uma velha caneca, coletiva. Enferrujada. Minha escola da Mestra Silvina... Silvina Ermelinda Xavier de Brito. Era todo o nome dela (CORA CORALINA, 1985 p.77).

Na segunda categoria, são verificados através dos relatos e memórias sensoriais do consumo e modo de preparos dos alimentos consumidos na sua infância e adolescência, descrevendo os processos de sociabilidade e socialização a mesa (FERREIRA e TORRES, 2020, p.139). Como exemplo, podem ser citados trechos dos poemas Antiguidades e O Prato Azul-Pombinho.

Quando eu era menina bem pequena, em nossa casa, certos dias da semana se fazia um bolo, assado na panela com texto de borralho em cima. Era um bolo econômico, como tudo, antigamente. pesado, grosso, pastoso. (Por sinal muito ruim). Eu era menina em crescimento. Gulosa, abria os olhos para aquele bolo que me parecia tão bom e tão gostoso (CORA CORALINA, 1985, p.53).

Era um prato original, muito grande, fora de tamanho, um tanto oval. Prato de centro, de antigas mesas senhoriais de família numerosa. De fastos de casamento e dias de batizado. Pesado. Com duas asas por onde segurar. Prato de bom bocado e de mães-bentas. De fios de ovos. De receita dobrada de grandes pudins recendendo a cravo, nadando em calda (CORA CORALINA, 1985, p. 80).

Do meu tempo só foi mesmo aquele último que, em raros dias de cerimônia ou festas do Divino, figurava na mesa em grande pompa, carregado de doces secos, variados, muito finos, encimados por uma coroa alvacenta e macia de cocadas-de-fita. Às vezes, ia de empréstimo à casa da boa tia Nhorita. E era certo no centro da mesa de aniversário, com sua montanha de empadas tostadas. No dia seguinte, voltava, conduzindo por um portador que era sempre o Abdênago, preto de valor, de alta e mútua confiança. (CORA CORALINA, 1985, p.83).

E na terceira categoria, cita-se os poemas que fazem menção as características alimentares regionais através da citação de locais e das atividades econômicas realizadas em Goiás, na cidade em que Cora Coralina passou a maior parte da sua existência. Na construção poética de *Todas as Vidas*, identifica-se através da panela de barro e a taipa de lenha traços regionais da cidade, como relata Ferreira e Torres (2020, p. 139): “Deste modo, quando a escritora cita, por exemplo, a panela de barro e a taipa de lenha, está delineando um retrato de um saber-fazer característico daquele lugar e período.”

“Vive dentro de mim a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem feito. Panela de barro. Taipa de lenha. Cozinha antiga. Toda pretinha. Bem cacheada de picumã. Pedra pontuda. Cumbuco de coco. Pisando alho-sal” (CORALINA, 1985, p.45).

Em perspectiva semelhante ao poema anterior, outros poemas transmitem a regionalidade alimentar como: *Rio Vermelho* através da descrição das características geográficas e *Evém Boiada*, *Poema do Milho*, *Oração do Milho*, *O Cântico da Terra Hino do Lavrador* e *A Enxada* a partir da identificação das atividades econômicas (agricultura e pecuária) realizadas na região.

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte... Rio que se afunda debaixo das pontes. Que se reparte nas pedras. Que se alarga nos remansos. Esteira de lambaris. Peixe cascudo nas locas. Rio, vidraça do céu. Das nuvens e das estrelas. Tira retrato da Lua. Da Lua quarto- crescente que mora detrás do morro. Lua que veste a cidade de branco e tece rendado de marafunda. na sombra da cajazeira (CORA CORALINA, 1985, p.91).

O Fê-Nê-Mê que passou no asfalto levava bois engaiolados. E ficou no ar tranquilo da tarde da cidade- o cheiro do boi. O cheiro da terra... Eu vi o cheiro do boi. Eu vi cheiro de pasto maduro, crestado, amarelado. Capim-colonião sementeado, pisado. Acamado e o boi pisando, quebrando pastando (CORA CORALINA, 1985, p.137).

Sou a planta primária da lavoura. Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo e de mim não se faz o pão alvo universal. O justo não me consagrou Pão de Vida, nem

lugar me foi dado nos altares. Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre. Sou de origem obscura e de ascendência pobre, alimento de rústicos e animais do jugo (CORA CORALINA, 1985, p.163).

Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante. Sou a farinha econômica do proletário. Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha. Alimento de porcos e do triste mu de carga. O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro (CORA CORALINA, 1985, p.164).

Milho...Punhado plantado nos quintais. Talhões fechados pelas roças. Entremeado nas lavouras. Batiza marcante nas divisas. Milho verde. Milho seco. Bem granado, cor de ouro. Alvo. Às vezes vareia, -espiga roxa, vermelha, salpintada (CORA CORALINA, 1985, p.165).

O berço pequenino de teu filho. O algodão de tua veste e o pão de tua casa/ E um dia bem distante a mim tu voltarás. E no canteiro materno de meu seio tranquilo dormirás. Plantemos a roça. Lavremos a gleba. Cuidemos do ninho. do gado e da tulha. Fartura teremos e donos de sítio elizes seremos (CORA CORALINA, 1985, p.214).

Vou plantá seus arrois. Inté amenhã tá tudo plantado. No rancho não tem decumê. Somente guarapa fria de rapadura. / O bobo regogou, rugido de fome. Barriga vazia/ Piano, calado, puxou manso beira baixeiro. Enrodilhou. Sono canino sonhou. Espeto de carne pingando da brasa. Farinha bem cheia de monte. Panela de arrôis gordurando. (CORA CORALINA, 1985, p.216).

5.2 Análise da relação entre a literatura e a gastronomia a partir dos poemas da escritora.

Uma análise reflexiva sobre as escritas da cozinheira escritora revelam a oportunidade de promoção de conhecimento sobre o papel do alimento como instrumento de interação social através de experiências de comensalidade ao leitor juntamente com a autora, além de estimular a recordação de locais visitados através dos nossos sentidos sensoriais (FERREIRA E TORRES, 2020). Tal afirmativa, pode ser ilustrada através do poema Antiquidades, na qual Cora relata o ritual para cortar o bolo e suas sensações visuais e gustativas

“A gente mandona lá de casa cortava aquele bolo com importância. Com atenção. Sericamente. Eu presente. Com vontade de comer o bolo todo/ Era só olhos e boca e desejo daquele bolo inteiro (CORA CORALINA, 1985, p.53).”

Conforme Jardim (2018, p.14), o fazer literário e o fazer gastronômico, conjuntamente, foram os alicerces para o reconhecimento e despontamento da escritora Cora Coralina na sociedade goiana, permitindo-a ressignificação de suas memórias de infância, a reconexão com sua cidade natal e seus costumes alimentares. No poema Antiquidades, é

possível caracterizar a relação entre os componentes naturais da cidade e os hábitos dos vizinhos.

“... D. Aninha com Seu Quinquim. D. Milécia, sempre às voltas com receitas de bolo, assuntos de licores e pudins. D. Benedita com sua filha Lili. D. Benedita- alta, magrinha. Lili- baixota, gordinha. Puxava de uma perna e fazia crochê (CORA CORALINA, 1985, p.55).”

Passarini et al (2019) em seu artigo intitulado “A poesia gastronômica de Cora Coralina: a doçaria, o regional e a identidade” descrevem a abordagem e correlação da literatura e gastronomia através da confecção das fichas técnicas e dos doces artesanais de mamão inspirados na poetisa e doceira Cora Coralina.

No poema “Oração do Milho”, pode ser pontuado a relação de interdisciplinaridade quando a poetisa atribui ao milho um valor além da nutrição, considerando também como símbolo de cultura e identidade, assim como a descrição dos tipos de preparo destinados a cada classe com esse grão.

“Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres...
Sou a planta primária da lavoura.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante. Sou a farinha econômica do proletariado. (CORA CORALINA, 1985, p.164).”

De acordo com DELGADO (2002), Cora Coralina entrelaça o fazeres do doce e da poesia em sua trajetória de vida, um marco que foi conjuntamente alinhado e executado a partir do retorno a Goiás, na qual em 1964 inicia a confecção de doces e 1965 lança seu primeiro livro.

5.3 Identificação e análise da representatividade da figura feminina na obra da escritora.

No que diz respeito a representatividade da figura feminina nos poemas do livro analisado, nota-se a presença recorrente da temática através das palavras: “lavadeira”, “roceira”, “cozinheira”, “mulher perdida” e “mulher da vida”. Cora apresenta-se através de confissões em seus próprios versos como uma mulher que mesmo diante às adversidades temporais fez-se forte, independente e batalhadora (OLIVEIRA, 2011). Tal fato pode ser evidenciado no trecho do poema Minha Cidade

“Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe, nascidas na frincha das pedras: Bravias. Renitentes. Indomáveis. Cortadas. Maltratadas. Pisadas. E renascendo” (CORA CORALINA, 1985, p.48).

Dos 25 poemas descritos na primeira parte, 15 fazem alusão ao feminino cujos títulos são: Todas as vidas, Minha cidade, Antiguidades, Estória do Aparelho Azul-Pombinho, A escola da Mestra Silvina, O Prato Azul Pombinho, Nota, Rio Vermelho, Velho Sobrado, Becos de Goiás, Do Beco da Vila Rica, O Beco da Escola, Evém Boiada, Pouso de Boiadas e Minha infância. Dos 12 poemas descritos na segunda parte, 7 fazem referência ao feminino, cujos títulos são: As tranças de Boi Maria, Ode a Londrina, Mulher da Vida, A Lavadeira, A Enxada, A Outra Face e Menor Abandonado. A identificação dos poemas referentes ao feminino, estão ilustrados no quadro 2.

Quadro 2. Descritivo de poemas relacionados com a representatividade da figura feminina de acordo com a análise de conteúdo, no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.

	Poema	Referência de análise de conteúdo de palavras a figura feminina	Página do poema encontrado no livro
PRIMEIRA PARTE			
1	Todas as vidas	<p>Cabocla velha de mau olhado, acorada ao pé do borralho, olhando para o fogo, benze quebranto, bota feitiço, ogum orixá, macumba, terreiro, ogã, pai de santo.</p> <p>Lavadeira do Rio Vermelho</p> <p>Mulher cozinheira</p> <p>Mulher do povo, bem proletária, bem linguaruda, desabusada, sem preconceitos, de casca grossa, de chinelinha e filharada.</p> <p>Mulher roceira, trabalhadeira, madrugadeira, analfabeta, de pé no chão, bem parideira, bem criadeira, seus doze filhos, seus vinte netos.</p> <p>Mulher da vida. Minha irmãzinha, tão desprezada, tão</p>	45 a 46

		murmuada, fingindo alegre seu triste fado.	
2	Minha cidade	Menina feia da ponte da Lapa. Eu sou Aninha. Aquela mulher que ficou velha, esquecida, contando estórias, cantando teu passado e teu futuro.	47 a 49
3	Antiguidades	Menina pequena Menina em crescimento, gulosa. D. Benedita (alta, magrinha) Lili (baixota, gordinha) D Joaquina era uma velha, grossa, rombuda, aparatosa, esquisita, demorina, cega de um olho	53 a 57
4	Estória do Aparelho Azul-Pombinho	Mucamas Sinhazinha Mulher saber ler e escrever não é virtude	63 a 65
5	A escola da Mestra Silvina	Mestre Silvina boa, velha, cansada, aposentada	75 a 78
6	O Prato Azul Pombinho	Minha bisavó, Tia Nhorita	79 a 86
7	Nota	Moça-virgem Mãe hética, débil, franzina Jesuína magrinha, obediente, medrosa	87 a 90
8	Rio Vermelho	Lavadeiras lavando roupa	91 a 94
9	Velho Sobrado	D. Irena Mando Serra Dourada, D. Virginia Vieira (dama de outros tempos), Ângela, Débora, Maria	95 a 99
10	Becos de Goiás	Becos de mulher perdida. Becos de mulheres da vida. Renegadas, confinadas na sombra triste do beco. Quarto de porta e janela. Prostituta anemiada, solitária, hética, engalicada. Tossindo, escarrando sangue na umidade suja do beco.	103 a 106

		<p>Mulher dama. Mulheres da vida, perdidas começavam em boas casas depois baixavam o beco.</p> <p>Queriam alegria. Faziam bailaricos. Baile sifilítico. No dia seguinte coitadas, cabeça raspada a navalha, obrigadas a capinar o largo do Chafariz na frente da cadeia.</p> <p>Mulher da vida, antiga, humilhada, malsinada, meretriz venérea, depezada, mesentérica, enxague. Cabeça raspada a navalha castigada a palmatoria, capinando o largo, chorando.</p> <p>Golfando sangue.</p>	
11	Do Beco da Vila Rica	<p>Menina pobrezinha</p> <p>Mulheres se resguardarem, embuçadas, disfarçadas</p> <p>Mulheres, querem-nas resguardadas e a sete chaves</p>	107 a 116
12	O Beco da Escola	<p>Mestre Lili- miudinha, magrinha, bom sobretudo. força moral, energia concentrada. Espirito forte.</p> <p>Esquecidas mestras de Goiás, elas todas donzelas</p>	117 a 120
13	Evém Boiada	Mulheres de sitio	137 a 141
14	Pouso de Boiadas	<p>Moda de mulher</p> <p>Toada de mulher</p> <p>Dola, Xandrina</p>	147 a 152
15	Minha infância	<p>irmãs, 2 que a precederam eram lindas, mimadas.</p> <p>Eu era triste, nervosa e feia, chorona, medrosa, amarela de rosto empalamado, pernas moles.</p> <p>Menina inzoneira</p> <p>Menina abobada</p>	173 a 177
SEGUNDA PARTE			

16	As tranças de Maria	Maria com seus cabelos ondulados, cabeleira negra do joelho vinham abaixo. Nem alta, nem baixa, meia de altura, cintura fina de duas mãos abarcar	183 a 192
17	Ode a Londrina	Mulheres, meninas, casadas, solteiras, perdidas e achadas. Alvas, morenas. Cafuzas. Mescladas	199 a 202
18	Mulher da Vida	Mulher (da zona, da rua, perdida, à-toa), mulher da vida, minha irmã. Pisadas, espezinhas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, Justiça e do Direito. Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis. Sobreviventes. Possuídas e infamadas. Marcadas. Contaminadas. Escorchadas. Discriminadas	203 a 206
19	A Lavadeira	Lavadeira Tosca. Alheada. Olhar parado, vago, mãos rudes, deformadas, unhas enrugadas.	207 a 209
20	A Enxada	Mãe na cacunda	215 a 222
21	A Outra Face	A mulher, não mãe, maternidade. Operária, funcionária. Gerente gerenciando, computando perdas e ganhos alheios, igualando, superando, vitoriosas, tumultuadas	223 a 226
22	Menor Abandonado	Mãe para amor Mestra para ensino	227 a 229

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Cora retrata através do eu lírico, a coerção feminina diante a sociedade patriarcal da época e seu cotidiano de mulher que desde sempre lutou pela essência e se fez resistência diante aos percalços familiares, conforme pontua Ribeiro:

Essa mulher retratada nos textos da autora dá uma dimensão das dificuldades enfrentadas pelas mulheres que, inseridas em um contexto patriarcal, tiveram suas possibilidades de ascensão sufocadas. Limitadas ao ambiente doméstico e proibidas de estudar e adquirir sua formação profissional, muitas mulheres tiveram que abdicar de seus conhecimentos enquanto observavam as conquistas masculinas (RIBEIRO, 2009, p.10)

Como destaque pode ser mencionado o poema *Todas as Vidas*, no qual Cora descreve todas as faces de mulheres que habitam em sua existência.

“Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho. Seu cheiro gostoso d’água e sabão. Rodilha de pano. Trouxa de roupa, pedra de anil. Sua coroa verde de São-Caetano.” (CORA CORALINA, 1985, p.45).

A escritora detalha o universo feminino em todas as suas vertentes e dimensões como forma de pertencimento a sociedade e construção da sua individualidade, descrevendo-as através dos ofícios desempenhados fora da maternidade (*A Outra Face*, p.225), das atividades do campo (*Todas as Vidas*, p.46), das lavadeiras do Rio Vermelho (*A Lavadeira*, p.209), das mulheres marginalizadas (*Mulher da Vida*, p.203) e das que marcaram e contribuíram para sua formação cultural e de caráter (*A Escola da Mestra Silvina*, p.78)

“A mulher, não mãe, maternidade. Operária. Funcionária. Gerente gerenciando, computando perdas e ganhos alheios, igualando, superando, vitoriosas, tumultuadas. A neurose que vai se alargando” (CORA CORALINA, 1985, p.225).

“Vive dentro de mim a mulher roceira. -Enxerto da terra. Meio casmurra. Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta. De pé no chão. Bem parideira. Bem criadeira. Seus doze filhos. Seus vinte netos” (CORA CORALINA, 1985, p.46).

“Às lavadeiras do Rio Vermelho da minha terra, faço deste pequeno poema meu altar de ofertas” (CORA CORALINA, 1985, p.209).

“Mulher da Vida, minha irmã. Pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito. Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis” (CORA CORALINA, 1985, p.203).

“E a Mestra?... Está no Céu. Tem nas mãos um grande livro de ouro e ensina a soletrar aos anjos” (CORA CORALINA, 1985, p.78).

A dimensão temática do feminino se faz presente em todas as fases de vida da escritora que a princípio cumpriu os protocolos esperados para uma mulher da época em relação ao matrimônio e acompanhamento do marido a sua cidade natal, maternidade e provedora do lar, mas que na sua velhice resolveu desvencilhar e viver sua vida sem as limitações impostas e preestabelecidas e realizar-se nos ofícios de doceira e escritora. Em paralelo, a escritora incita a mulher à busca do protagonismo de sua própria história, na qual independentemente da idade é possível sonhar, reconstruir e recomeçar conforme traduzido em linguagem poética no APÊNDICE B. Concordante ao momento de ressignificação do passado e libertação em sua velhice, Delgado (2002), afirma:

Cora-doceira e a Cora-poeta trabalham a lembrança e o esquecimento para desconstruir e reconstruir sentidos para o passado, compondo uma história para a sua vida. A lembrança engendra a autobiografia da mulher-mãe-doceira-poeta, e o esquecimento tece o silêncio em torno dos acontecimentos que poderiam abalar ou estilhaçar este auto-retrato traçado a partir do destino de gênero. (Delgado 2002, p. 66)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do breve relato da história de vida de Cora Coralina, na qual foi contada nesta pesquisa em quatro capítulos, descrevendo suas várias camadas e talentos foi possível evidenciar uma mulher que mesmo diante as dificuldades enfrentadas, sejam elas pela ausência da figura paterna e conseguinte falta de acolhimento pela mãe e irmã, assim como também o pouco estudo e uma sociedade patriarcal vigente na época, soube ressignificar seu passado e deixar um legado além da poesia para o mundo mesmo após 39 anos do seu falecimento. A escritora foi reconhecida também pelo seu papel notável e atemporal nas causas ambientalistas e defesa dos direitos das mulheres.

No decorrer dos capítulos foi demonstrado que seus dois ofícios de maior destaque foram a elaboração de poemas, contos e crônicas iniciados na adolescência e a produção de doces, na velhice para a sua sobrevivência.

Em seus poemas analisados, em sua primeira obra publicada, é notório a presença da abordagem do enredo da cultura gastronômica regional, evidenciados seja pelas observações do seu cotidiano com mulheres cozinheiras na família verificados pelos relatos de utensílios, ingredientes e receitas preparadas e também dos relatos da regionalidade com o saber-fazer e atividades econômicas desenvolvidas em sua cidade natal.

A relação interdisciplinar entre as duas artes, gastronomia e literatura se fez presente desde o primeiro documento que oficializou a História do Brasil após o descobrimento. Nas obras de Cora Coralina essa relação pode ser observada através do uso da linguagem poética, retratando o fazer literário e o fazer gastronômico.

No que diz respeito sobre a representatividade da figura feminina em sua obra, Cora Coralina foi uma das primeiras escritoras a abordar o universo feminino, através dos ofícios desempenhados fora da maternidade e a humanização das mulheres marginalizadas da época. Assim, a escritora tornou-se inspirações de e para todas as mulheres que foram parte da vida e dos seus olhares empáticos e promotores de fortalecimento, autonomia e encorajamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, José Roberto de. Identidade Gastronômica na obra de Eça de Queirós. **Muitas Vozes**, v. 4, n. 2, p. 165–174, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/8649>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. “**Na minha vida, a vida mera das obscuras**”: as representações do eu e de outros espaços em **Poemas dos becos de goiás e estórias mais, de Cora Coralina**. 2013. Dissertação de Mestrado (Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufcat.edu.br/tede/bitstream/tede/3538/5/Disserta%20c3%a7%20a3o%20%20Jos%20c3%a9%20Humberto%20Rodrigues%20dos%20Anjos%20-%202013.pdf>
Acesso: 24 de outubro de 2023
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina - Raízes de Aninha**. 3. ed. São Paulo: Ideias& Letras, 2009.
- BRITTO, Clóvis Carvalho. (2013). A estética dos becos em Cora Coralina ou “Um modo diferente de contar velhas estórias”. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.42, p.113–127, dezembro, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2316-40182013000200007>. Acesso: 22 de outubro de 2023.
- BROCHADO, Claudia Costa. **A Gastronomia de Paracatu: Elemento Identitário e Diferencial Turístico**. 2004. Monografia (Especialização em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: https://web.archive.org/web/20200305194739id_/http://bdm.unb.br/bitstream/10483/362/1/2004_ClaudiaCostaBrochado.pdf. Acesso 25 de maio de 2023.
- CARVALHO, Letícia Queiroz de; MARTINS, Murilo Góes. O Ensino De Literatura e a Gastronomia em Cena: Uma Proposta Para a Formação Docente. **Textura**, Canoas, v. 22, n. 52, p.01-20, out/dez,2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5935/3888>. Acesso 20 de maio de 2023.
- CORALINA, Cora. **Cora Coralina Doceira e Poeta**. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.
- CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 1. ed. São Paulo: Global, 2013.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 8 ed. São Paulo: Global, 1985.
- CORREIO BRASILIENSE. **Entrevista com o diretor Renato Barbieri, do filme Cora Coralina- Todas as Vidas**, 14 de dezembro de 2017. 1 vídeo (17:14 min). Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/correiobrasiliense/videos/entrevista-com-o-diretor-renato-barbieri-do-filme-cora-coralina-todas-as-vidas/1693139414065715/>. Acesso 29 de junho de 2023.

DELGADO, Andreia Ferreira. Cora Coralina: a Poética do Sabor. **Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis**, v. 4, n. 1, p. 59-83, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15031>. Acesso em: 21 de maio. 2023.

FARIAS, Luciane Maria Rodrigues Soares. **A influência do movimento modernista para a construção da identidade gastronômica brasileira: a comida como foco narrativo no livro Gabriela Cravo e Canela de Jorge Amado**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Gastronomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/34821/3/2018_tcc_lmrsfarias.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023

FERREIRA, Marina Rossi; TORRES, Marcos Alberto. Cora Coralina: Uma poética sobre lugares e sabores. **Geografia, Literatura e Arte**, v.2, n.2, p. 129-145, jul./dez.2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/168824/164404> Acesso em: 21 de maio. 2023.

GRGIC, Rozalia. **Eça de Queirós e a gastronomia**. 2017. Tese de Doutorado. Zagreb, p. 01-53, setembro, 2017. Disponível em: <http://darhiv.ffzg.unizg.hr/id/eprint/9564/1/170920%20ROZALIA%20GRGIC%20-%20ECA%20DE%20QUEIROS%20I%20GASTRONOMIJA%20-%20DIPLOMSKI%20RAD.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

JARDIM, Estela Máris Medeiros. **Palavras palatáveis: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/Dissert/article/view/2788/1864>. Acesso em: 6 maio. 2023.

KASPAR, Katerina Blasques. Gastronomia e literatura na formação da identidade nacional. **Revista Contextos da Alimentação**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 2-10, 2016. Disponível em: https://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2016/03/76_CA_artigo_revisado.pdf. Acesso 01 abril de 2023.

MARIZ, Josilene Pinheiro; OLIVEIRA, Maria Angélica. A gastronomia na literatura: lugar de memória, sedução e poder. **Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte (Online)**, v. 2, p. 39-55, 2012. Disponível em: https://todasasmusas.com.br/07Josilene_Maria.pdf. Acesso 02 abril de 2023.

MARTINS, Ricardo André Ferreira; BRITO, Luciana; SOUZA, Pedro Palma de. Culinária, erotismo e literatura na obra de Jorge Amado. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, Universidade Estadual do Norte do Paraná. 2, n. 22, p. 223-250, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8085172> Acesso em: 6 ago. 2023.

MINISTÉRIO DA CULTURA. A carta de Pero Vaz de Caminha. **Fundação Biblioteca Nacional**, p.1-14, 2019. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso: 25 de maio de 2023.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 20 de maio. 2023.

MULLER, Silvana Graudenz; AMARAL, Fabiana Mortimer; REMOR, Carlos Augusto. Alimentação e cultura: preservação da gastronomia tradicional. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2010, p1-16. Disponível em:

https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/13/Alimentacao%20e%20Cultura%20Preservacao%20da%20Gastronomia%20Tradicional.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

OLIVEIRA, Cristiano José de. Lugar de onde fala Cora Coralina na obra “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”. **Hispanista**, p.1-13, 2011. Disponível em:

<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/Cora2.pdf>. Acesso 15 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, T. M., & SILVA, G. B. de L. (2021). O gosto pelo regional: contribuições da gastronomia para os estudos sobre cozinha regional. **Agora**, v.23, n.1, p.232-246,2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/agora.v23i1.15937>. Acesso em: 21 jul. 2023.

PASSARINI, Ana Isabel Couto. A poesia gastronômica de Cora Coralina: a doçaria, o regional e a identidade. **Revista de gastronomia**, v. 1, n. 1, p.1-14, 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/revistadegastronomia/article/viewFile/1863/1203>. Acesso: 22 de maio de 2023.

PASSOS, L. L. C.; REJOWSKI, M. Aproximações à hospitalidade em Cora Coralina. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v.14, n.2, p.375-394, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p394>. Acesso 24 de maio de 2023.

PINHEIRO, Sueli Reis. Biografia, Culinária e Literatura: a História Do Cotidiano De Cora Coralina. **Revista Gênero**, Niterói, v. 3, n. 2, p.69-71, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31054/18143>. Acesso em: 20 de maio. 2023.

RIBEIRO, Wanderléa Gonçalves. **“Todas as vidas dentro de mim”**: as faces femininas em poemas e contos de Cora Coralina. 2009. Monografia (Especialização em Leitura e Ensino do Curso de Letras), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/508/o/Monografia_-_WANDERL_A_GON_ALVES_RIBEIRO.pdf. Acesso em: 6 ago. 2023.

REDE MANCHETE. **Entrevista Letras in.verso e re.verso com Cora Coralina**, 1984. 1 vídeo (48 minutos e 44 segundos). Disponível em: <https://www.facebook.com/Letrasinverso/videos/rara-entrevista-com-cora-coralina/433146357295798/>. Acesso 30 de junho de 2023.

ROCHA, Priscila Nogueira da. A Gastronomia na Literatura e nas Artes do Renascimento Italiano. **Revista Vozes dos Vales**, UFVJM, n 12, ano VI, p.1-16, outubro, 2017.

Disponível em:

<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2017/08/Priscila0208.pdf> Acesso 29 de junho de 2023.

SALES, Márcio Reis. As senhoras-donas do beco: expressividade e estereótipo de feminino em Cora Coralina. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.47, n.3, p.851–865, outubro, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v47i3.1956>. Acesso em: 24 de maio 2023.

SANTOS, Saulo Nunes dos. Tornarem-se mulheres—hoje são coralinas. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 3, p. 60-66, abril, 2019. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/984>. Acesso 25 de maio de 2023.

SEIXO, Maria Alzira. Os sabores da literatura ou como a gastronomia se apoia nos modos de dizer. **ABRIL – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Niterói, v. 6, n. 12, abril, 2014. Disponível

em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29627/17168>. Acesso 29 de junho de 2023.

SIGNORELI, Izabel Cristina Alves. **Cozinha goiana: identidade e tradição culinária em Bariani Ortêncio**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em:

<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3402/1/IZABEL%20CRISTINA%20ALVES%20SIGNORELI.pdf>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

SILVA, Gerson Fernando da. **Modernização agropecuária e turismo de negócio em Goiás**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em:

<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/2867/1/GERSON%20FERNANDO%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

TAHAN, Vicência Bretas. **Cora coragem, Cora Poesia**. 4. ed. São Paulo: Global, 2002.

TAVEIRA, Juliana Fernandes; MEDEIROS, Márcia Maria de. Considerações sobre a gastronomia na obra de Jorge Amado: um estudo de caso de dona flor e seus dois maridos.

CULTUR: Revista de Cultura e Turismo, v. 9 n. 1, 2015, p. 109 – 124. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/557/510>. Acesso em: 21 jul. 2023.

TV BRASIL. **Cora Coralina explica por que adotou seu pseudônimo**, 20 de agosto de 2014. 1 vídeo (1 minuto e 26 segundos). Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=depoimento+de+cora+sobre+seu+nome+ana&biw=1366&bih=625&tbm=vid&sxsrf=APwXEde-kVMa-JZ5VFjJp6JA14NnCZrLeA%3A1688131264958&ei=wNaeZnKCOsSv1sQPvJ2MkAI&ved=0ahUKEwjS4oaDi-v_AhXEI5UCHbwOAYIQ4dUDCA0&uact=5&oq=depoimento+de+cora+sobre+seu+nome+ana&gs_lcp=Cg1nd3Mtd2l6LXZpZGVvEAMyBQghEKABMgUIIRCgATIFCCEQo

AEyBQghEKABOgQIIxAnOggIABAWEB4QDzoECCEQFToICCEQFhAeEB06BwghE
 KABEAo6CgghEBYQHhAPEB1QAFjmI2CGKGgAcAB4AIAB3wOIAa0gkgEKMC4x
 MC44LjAuMZgBAKABAcABAQ&sclient=gws-wiz-
 video#fpstate=ive&vld=cid:1e054a54,vid:VLt2_IwZJ98. Acesso 30 de maio de 2023.

TV CULTURA. **Cora Coralina-Entrevista completa no Programa VOX Populi**, 1983.
 1 vídeo (51 minutos e 56 segundos) Disponível em:

APÊNDICE A- Cora Coralina e seus doces ensinamentos

Na adolescência, esse livro foi o meu primeiro contato com o gênero literário, o qual durante uma organização da estante da casa dos meus pais foi descoberto, em sua 8ª edição, adquirido pelo meu pai, assinado e datado a dois meses e um dia a anteceder meu nascimento. Em vinte de abril de 2020, fiz um poema autoral dedicado a escritora intitulado:

A poetisa e doceira de Goiás que me inspira.
 Na cozinha e nas escritas, Cora Coralina.
 Publicou seu primeiro livro aos 75 anos de idade.
 Contista cheia de amor, calor e simplicidade.
 Um olhar que abraça.
 Mãos cheias de graça.
 Seus doces eram feitos no fogão à lenha em tachos de cobre.
 E seus poemas completavam os potes.
 No dia 10 de abril de 1985, aos 95 anos de idade ela nos deixou.
 Mas um legado saboroso, adocicado e humano sua vida eternizou.

APÊNDICE B- Novos e Saborosos Tempos

A escolha de análise para estudo do seu primeiro livro publicado a princípio, foi motivada pela memória afetiva e o incentivo futuro para as minhas escritas, porém durante a leitura mais aprofundada e com um olhar crítico de mulher sonhadora, poetisa aspirante, nutricionista experiente e futura gastróloga trouxeram desdobramentos e despertares a nível pessoal e profissional para propagar um novo caminhar multidisciplinar.

Qual é o seu sonho?
 O que você tem feito para torná-lo realidade?

Em 28 de maio de 2013, estar nesta cozinha fez parte do meu doce imaginário de pisciana. Inclusive guardo até hoje o registro do e-mail, perguntando sobre qual seria o próximo vestibular para tecnólogo de gastronomia no IFMG, endereçado a professora que foi a escolhida para ser minha orientadora, a sábia e elegante Cristiana.

Era um sonho que pulsava forte dentro de mim.

E diariamente eu adubava esse jardim.

Atuei como nutricionista em algumas cidades, até que chegou a vez de Ouro Branco.

Meu divisor de águas, meu encanto.

Ressignifiquei minha natureza.

Reconheci a minha fortaleza.

Fiz ENEM. E no dia 10 de setembro de 2020, recebi um e-mail de convocação para realizar a matrícula no curso de Tecnologia em Gastronomia, pelo processo seletivo.

E minha vida ganhou um novo colorido.

Entre em plena pandemia e por um tempo ficamos afastados do calor humano.

E como é gratificante olhar tudo que já partilhamos.

Entre o sonho e a sua realização.

Houve, ou melhor, ainda há muita transpiração.

Sou nutricionista.

Inicialmente consegui conciliar o estudo com o trabalho. Entretanto, para a conclusão deste último período foi necessário encerrar um ciclo para degustar diferentes sabores e uma nova conquista.

E nesta estrada, literalmente, eu RENASCI.

E tive uma nova oportunidade de contemplar os detalhes, desacelerar e florescer o meu jardim.

Há dias que são bem, bem, bem desafiantes.

Mas estar na presença de vocês, amigos GASTROMED, é edificante!

Em cada semana destes quase quatro, em especial.

Cada um que se fez presente foi crucial.

Diante aos desafios e provações.

Vocês sempre serão minhas inspirações!

Eu aprendo para além das técnicas culinárias.

Aqui a vida ganha novos temperos e lições extraordinárias.

De resiliência a empatia.

De cordialidade a ousadia.

A gentileza que agora gera um ambiente leve.

E como a gente cresce!

E passaram-se 11 anos e 2 meses do primeiro planejamento.

E hoje respiro contentamento.

No tempo do Senhor!

Eu agradeço com todo meu amor.

Fiz esse registro para eternizar.

O outro sonho que hoje vou iniciar.

E como bem escreveu Cora Coralina, minha poeta inspiração para a escrita desta monografia:

“Não te deixes destruir... ajuntando novas pedras e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.”